

CANETA DE PENA E TINTEIRO: LUGARES DE ENCONTRO PARA A ESCRITA (SÉCULOS XIX E XX)

QUILL AND INK BOTTLE: MEETING PLACES FOR WRITING (19TH AND 20TH CENTURIES)

Maria Teresa Santos Cunha¹

<http://orcid.org/0000-0001-6200-6713>

Vania Grim Thies²

<https://orcid.org/0000-0002-6169-067X>

Resumo: O artigo pretende problematizar objetos utilizados para a escrita e que se caracterizam como artefatos escolares tais como a pena, a caneta de pena e o tinteiro. Estes materiais foram essenciais ao ato de escrever cujo lugar de encontro se materializa na própria escrita. A pena, a caneta de pena e o tinteiro foram artefatos utilizados em âmbito escolar e não-escolar e que estiveram mobilizados, principalmente no século XIX no Brasil e também no início do século XX, por uma elite alfabetizada. Suas memórias e prescrições de uso foram deixadas em anúncios de propaganda em revistas de ensino e em manuais didáticos. Rastrear estes usos através de sua circulação nestes impressos permitirá despertar marcas desse material, aparentemente banal, no presente, mas que serviu no passado para a aprendizagem e desenvolvimento da escrita. Utilizados para a escrita manuscrita, envolviam além da aprendizagem do ato de escrever e copiar, um treino caligráfico e o esforço muscular para seu uso com tinta e suas diferentes ponteiros. A abordagem teórica-metodológica centra-se na pesquisa bibliográfica articulada com imagens propagandeadas em impressos buscando ampliar possibilidades de conhecer um repertório de práticas do passado que ainda assolam nosso presente. Como resultados do estudo pretende-se demonstrar que esses artefatos usados para a escrita na escola e fora dela, circularam nos impressos como propagandas ou como indicativos para a aprendizagem e usos, demonstrando o modo como a escola e seus materiais foram sendo constituídos ao longo dos anos.

Palavras-chave: Caneta de pena. Tinteiro. Impressos. História da educação.

¹ Doutora em História e Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP/SP). Professora Titular pelo Departamento de História com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/Florianópolis/SC). Pesquisadora do CNPq- Nível 1-D. E-mail: mariatse@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel/Pelotas/RS). Professora com atuação na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel/Pelotas/RS). Líder do grupo de pesquisa Hisales e coordenadora do Centro de memória e pesquisa Hisales (FaE/UFPel). Email: vaniagrim@gmail.com

Abstract: This paper aims to discuss the objects used for writing that are characterized as school artifacts such as quill, dip pen and ink bottle. These materials were essential to the act of writing, whose meeting place is materialized in the writing itself. The feather, the quill and the inkbottle were artifacts used in and out of the school environment and they were used, mainly in the 19th century in Brazil and also the beginning of the 20th century, by a literate elite. Their memories and use prescriptions were left in advertisements in teaching magazines and other materials. Tracking these uses via their publishing on these prints will allow for the rising of traces of this material, apparently banal nowadays, but which served in the past for the learning and development of writing. Used for handwriting, they concerned not only the learning of the act of writing and copying, but also handwriting practice and muscle effort in order to use it with ink and their different tips. The theoretical-methodological approach of this study makes use of a literature review associated with prints in the aim of expanding the possibilities to learn about a repertoire of past practices that still affect our present. For the results, we aim to show that these artifacts used for writing in and out of school circulated in teaching prints as advertisement or instruction as to learning and use, portraying the way school and materials were constituted over the years.

Keywords: Quill. Ink bottle. Prints. History of Education.

INTRODUÇÃO

A pena se lançava sobre o papel, deslizava docemente (...) bordando as flores mais delicadas (...). As folhas se animavam ao seu contato (...) a pena trêmula e vacilante caía sobre a mesa sem forças e sem vida, e soltava uns acentos doces, notas estremecidas como as cordas da harpa ferida pelo vento.

(Alencar, José de - 3 de setembro de 1854)

Caneta de pena e tinteiro foram objetos utilizados para a escrita e, ao mesmo tempo, se constituíram como artefatos culturais de uma época mobilizados, principalmente durante o século XIX e até meados do século XX e, no Brasil inicialmente, por uma elite alfabetizada e privilegiada que era possuidora desses materiais ainda pouco acessíveis à população em geral. Durante o século XIX, o constante mergulhar da caneta de pena no tinteiro afixava ao seu possuidor, além da distinção de uso, a posse do saber técnico da escrita manuscrita que era competência exclusiva de uma minoria e cujo exercício “constituía uma espécie de enobrecimento cultural” (Chartier, 1991, p.136).

A pena utilizada nas canetas era geralmente de ganso e mesmo de outras aves (corvo, águia, coruja, falcão) e foi o instrumento de escrita mais usado no ocidente desde o século VI perdurando até meados do século XX. A pena mais comum, por exemplo, era a de ganso, as de cisne bem mais caras, eram para ocasiões especiais e, para fazer linhas finas, a pena de corvo era a melhor. Todas exigiam tempo para prepará-las tendo em vista sua fragilidade. Os estudos de Clayton (2015) apontam que as canetas de pena não estavam sozinhas pois para serem úteis à escrita tinham que

ser mergulhadas em um recipiente contendo tinta – o tinteiro – e havia a necessidade de abastecimento para viabilizar seu uso. Assim, este recipiente onde se colocava a tinta - o tinteiro - tornou-se, portanto, o par da caneta de pena e ambos se firmaram como dois materiais essenciais ao ato de escrever e cujo lugar de encontro se materializa na própria escrita.

Até a década de 1960, no século XX, a tecnologia da caneta de pena e a própria produção de tintas para escrever se expandiu o que se pode observar, pelas imagens de anúncios em impressos variados nos quais se propagava uma certa popularização para seus usos. Sempre aliada a uma importante dimensão da palavra escrita os anúncios evidenciam que houve investimento tanto “na manufatura do papel, na forma da caneta e na cor e firmeza da tinta para a precisão de uma escrita mais elaborada” (Clayton, 2025, p. 210) cuja aprendizagem se dava, prioritariamente, em âmbito escolar. Através de sua circulação nestes impressos é possível evidenciar nestes veículos de disseminação de ideias, modelos e práticas, imagens e marcas desses utensílios, aparentemente banais e até esquecidos no presente, mas que serviram no passado para a aprendizagem e desenvolvimento da escrita.

Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar estes objetos utilizados para a escrita como artefatos utilizados em âmbito escolar e mesmo não-escolar, ilustrando e descrevendo sua presença e uso no século XIX e, em outro recorte temporal, problematizando sua permanência, ou seja, como foram propagandeados em impressos que circularam no Brasil até meados do século XX. Esta pesquisa emergiu no contexto da exposição “Mulheres e Educação no século XIX: Artefatos e sensibilidades”³ (UERJ/2022) para a qual fomos convidadas a escrever um verbete sobre tinteiro e caneta de pena (Cunha, 2022) e sobre a pena e suas ponteiras (Thies, 2022). Canetas de pena e tinteiro além de envolverem a aprendizagem do ato de escrever e mesmo de copiar, foram usados como materiais de escrita que exigiam certo esforço muscular, entre outros aspectos, como seguir linhas, domar os olhos para realizar a coordenação entre eles e as mãos.

Para efetivar o estudo recorre-se à pesquisa e ao diálogo historiográficos, descrevendo à mostra de imagens que colocam anúncios em impressos sobre seu uso, notadamente entre a primeira metade do século XX com prolongamentos até a década de 1960. Estas imagens visam ampliar as possibilidades de reconhecer as canetas de pena e tinteiros como objetos de uma modernidade ainda presente, mas que carregam em seus usos, como objetos de escrita, passados tradicionais. Tais imagens, sem perder seu simbolismo, são portadoras de anúncios e recomendações que indicam temporalidades distintas e caracterizam diferentes estratos de tempo que as compõem.

A pesquisa bibliográfica destaca, portanto, a emergência desses utensílios para a escrita no século XIX aponta os anúncios desses materiais veiculados no século XX, propagandeados tanto em revistas ligadas ao ensino como em revistas destinadas ao público, em geral. Tal estratégia visa problematizar a continuidade e a permanência desses artefatos de escrita no século XX, ainda

³ Sob a coordenação geral do professor Dr. Diogo dos Santos Silva (UERJ) e curadoria da professora Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ); Pablo Álvarez Domínguez (Universidade de Sevilha – ES); Alexandra Lima da Silva (UERJ); Ana Cristina B. Lopez M. Francisco (UERJ); Luciana Borges Patroclo (UERJ). Para saber mais sobre a exposição virtual e os verbetes verificar em: <https://www.mulhereseeducacao.uerj.br/>

que em circulação mais restrita, como objetos portadores de signos do passado e mesmo como objetos ligados ao luxo e às classes mais abastadas, no presente. Cabe registrar, que estes utensílios circularam no século XIX entre uma elite letrada, mas permaneceram em propagandas ao longo, especialmente, da primeira metade do século XX, o que evidencia uma problemática ligada à continuidade de seus usos, agora modernizados e até outros formatos. Os exemplos retirados de impressos atestam a proposta de seus usos, em tempos diferenciados, tanto em sua forma técnica mais aperfeiçoada, como também nas simbologias de uma aprendizagem: saber escrever.

Nesse sentido, o tempo histórico está alicerçado em inúmeras camadas temporais, que não são incompatíveis e fixas, mas que coexistem, que estão justapostas e em permanente acomodação, conforme afirma Koselleck.

nós, historiadores (...) poderemos também redefinir as épocas temporais que fazem jus à modernidade mas sem a necessidade de excluir as outras épocas da nossa história comum como algo completamente diferente. Se quisermos saber quão nova é a nossa modernidade, precisamos saber quantos estratos da história antiga estão contidos no presente (Koselleck, 2014, p. 221).

Este movimento temporal analisado por Koselleck (2014) evidencia que passados ainda habitam nosso presente, ou seja, canetas de pena e tinteiros mesmo em certo desuso no âmbito público e escolar no tempo presente, ainda persistem em outras esferas e podem ser encontrados e produzidos, seja como objetos de coleção e decoração, seja como ícones da intimidade conservados em museus ou mesmo para firmar e dar distinção a assinaturas em atos solenes. A reflexão a partir desse autor sobre a “quantidade” de passado que habita nosso presente, busca temporalizar, ou seja, investigar, nas imagens dos anúncios a tessitura das ressignificações, permanências e rupturas que transversalizam esses objetos em estudo.

Outros diálogos teóricos e metodológicos em âmbito internacional serão estabelecidos relativos aos usos desses materiais em práticas de escrita, tais como as pesquisas de Roger Chartier, (1991,1998, 2007) que mostram a presença desses utensílios associados à vida pessoal e escolar de seus portadores, notadamente nos séculos XVIII e XIX. Seus estudos apontam a evolução e a presença de outros materiais para a escrita no século XX entretanto objetos como canetas de pena e tinteiro resistem e “não são eliminadas todas as práticas antigas com eles e a eles relacionadas” (Chartier, 1991, p.113).

No Brasil, de igual maneira, estes materiais são problematizados como objetos que compõem a cultura material da escola considerados como elementos constitutivos da “lógica interna do funcionamento e da organização da escola constituindo-se como dispositivos do modo escolar de transmissão de cultura” (Souza, 2007, p.180). Tais estudos também mereceram alentadas pesquisas reunidos em publicação de Castro e Castellanos, (2013); Souza (2013) e Barra (2013) na qual as reflexões teóricas e metodológicas ampliam o campo de estudos e os debates sobre a temática.

CANETA DE PENA E TINTEIRO: UTENSÍLIOS PARA A ESCRITA

A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens (Chartier, 2007, p. 9).

Os variados suportes descritos na epígrafe necessitavam de utensílios que viabilizassem seu uso para a prática da escrita e, no caso do papel, a utilização da caneta de pena e do tinteiro foi essencial para dar materialidade às próprias escritas. Há uma ligação entre a caneta de pena e o tinteiro que desperta um certo impressionismo nostálgico. São artefatos que, olhados no tempo presente, se abrem ao emocional, envolvem uma comunhão ilimitada com mistérios de passados, são portadores até de uma aura de mistério e sacralidade: são “objetos-relíquia, dotados do poder de lembrar objetos que possuem a presença simbólica da pessoa que os utilizou” (Ranum, 1991, 213) para se comunicar por meio da escrita.

Esses foram objetos tocados por outras mãos e mesmo que sejam pouco utilizados no tempo presente funcionam como apoiadores à construção de memórias. Carregam consigo marcas de uma história, despertam lembranças capazes de levar a uma viagem através do tempo, de fazer sentir saudades pelo seu não-uso no presente. Isso remete ao que Paul Ricœur denomina de “apoios externos” para aguçamento de memórias, uma vez que, segundo ele, “quando não fazemos mais parte do grupo na memória do qual tal lembrança se conservava, nossa própria memória se esvai por falta de apoios externos” (Ricœur, 2007, p. 131).

É nesse sentido que os impressos do século XX, verificados com as lentes do presente, possibilitam não só ilustração dos materiais a partir das propagandas, como a construção e ressignificação de memórias no tempo presente. Os diálogos com autores que subsidiam a inscrição desta pesquisa na História do Tempo Presente (Koselleck, 2017; Ricoeur, 2007) legitimam sentidos para esses utensílios como um passado que permanece, assola o presente e cuja memória transita entre permanências, superações e resistências em um movimento que dá a ver a presença de temporalidades múltiplas em um só objeto.

Canetas de pena e tinteiro utilizados como ícones da caligrafia, tanto no ambiente escolar como na intimidade de escreventes que os podiam adquirir, exigiam selecionar cuidadosamente os materiais a serem utilizados para o exercício da escrita afim de obter uma exemplar caligrafia. A caligrafia era considerada uma “habilidade de escrever com letra bela e harmoniosa (...) prevaleceu, desde o século XIX, como uma ação associada ao ensino da escrita” (Stephanou e Bastos, 2012, p.111) e só seria atingida por meio de um exercício que exigia treino muscular. No que se refere as penas, quanto mais grossas, menos esforço muscular era empregado para a escrita e para usar a pena fina, era necessário empreender uma habilidade maior para sustentá-la no treino caligráfico. Jean Hébrard (2001), afirma, com base no contexto francês do século XIX e problematizando o uso do suporte caderno, afirma que era preciso aprender a escrever para redigir um texto simples e o papel era caro. Ainda em relação aos utensílios de escrita, Hébrard (2001) refere-se à pluma de ganso que era difícil de ser cortada pelos dedos inexperientes das crianças que frequentavam a escola, mas ainda assim, era o instrumento obrigatório para aprender a escrever e era preparada pelos mestres. Segundo o autor, a chegada da pena metálica a partir de

1860 foi importante, pois “libera mestres e alunos da servidão limitadora da pluma de ganso” (Hébrard, 2001, p. 117).

Importa salientar que as penas eram materiais resistentes e permitiam, primeiramente o seu uso sem as ponteiras. Aos poucos, com a evolução dos instrumentos de escrita, as ponteiras começaram a ser utilizadas e acabaram liberando o professor do preparo da pena para as crianças aparando a ponta com canivetes. Para serem úteis à escrita: tinham que ser mergulhadas em um recipiente contendo tinta – o tinteiro – para sua efetiva utilização. Posteriormente ao uso da pena com as ponteiras, a pena metálica só foi popularizada nos finais do século XIX.

As ponteiras utilizadas nas canetas de pena assim como as penas para serem fixadas na própria caneta eram de diferentes formatos e espessuras (com vincos, pontiagudas, pontas grossas, pontas finas, etc.). Significaram um avanço importante para os exercícios caligráficos e era comum haver conjuntos com diferentes tipos de ponteiras que, colocadas na ponta da pena, favoreciam e embelezavam o traçado da caligrafia, podendo ser mais fino ou mais grosso, usadas para a escrita de títulos elaborados e/ou mais criativos, bem como para a escrita de textos que mantivessem um estilo padrão para o traçado da caligrafia.

Pesquisas realizadas por historiadores brasileiros, em documentos oficiais, mencionam que vários Estados registravam compras de tinta, papel e penas com vistas ao uso pela instrução primária desde o século XIX. As pesquisas de Souza (2013) destacam que “a legislação educacional paranaense, entre 1859 e 1889, registrava a compra de objetos necessários à escrita, como papel, canetas e penas (...) cujo principal destinatário e responsável era o professor” (p 64-67). Já na primeira metade do século XX estes mesmos materiais continuavam a ser comprados pelo governo do estado do Maranhão, conforme estudos de Castro e Castellanos (2013), “entre os materiais destacam-se a Tinta Antoine, o tinteiro e as pennas Mallat nº 12 indicando materiais estrangeiros vindos predominantemente de Paris e dos Estados Unidos”. (p.193). Situação idêntica é encontrada no Estado de Goiás (Barra,2013) onde se especificava “a compra de penas d’ave - 120 peças - tinta (2 garrafas) além de canetas e tinteiros” (Castro e Castellanos, 2013, p.116). Tais evidências atestam a presença e a utilização desses materiais relacionados à escrita na escola primária brasileira, ainda que restrita aos centros urbanos, como as capitais dos Estados.

Figura 1: Penna Mallat n.12



Figura 2: Tinteiro com tinta Antoine

Fonte: Imagens da Internet/ Coisas do Passado/ Acesso em 15/04/2024.

É importante refletir que escrever com a pena exigia um demasiado esforço corporal, principalmente durante o seu treino. Chartier (1998) alerta que “aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais” (p.16). O manuseio da pena junto ao suporte que serviria para a escrita, exigia habilidades gestuais combinadas – uso e sustentação da pena na mão e o exercício muscular para a escrita – produzindo uma arte caligráfica ornamental a partir dos diferentes modelos das ponteiras utilizadas, bem como a quantidade de tinta a ser empregada no papel, variando desde os traçados finos às possibilidades de traçados mais densos. De acordo com Razzini (2008), “os médicos higienistas recomendavam aos professores que ficassem atentos com a posição do corpo e a forma correta de os alunos segurarem a pena” (p. 97), tamanho era o esforço para o treino da caligrafia.

Outro aspecto importante no exercício da caligrafia, era a quantidade adequada de tinta a ser utilizada na ponteira, bem como o tempo e o espaço necessário para traçar cada letra. A utilização da pena de aves com diferentes tipos de ponteiras, permaneceu como um instrumento de escrita por muito tempo durante o século XIX e ainda início do século XX, possibilitando o treino caligráfico para os iniciantes até que os traçados já pudessem ser realizados com a pena metálica ou posteriormente com caneta tinteiro, sem correr o risco de erros e borrões que comprometessem o escrito e o papel.

Os estudos da historiadora portuguesa Áurea Adão (2012) sobre a aprendizagem da escrita no século XIX, por exemplo, registram que “o papel, a tinta, as penas, e o tinteiro eram, em geral, fornecidos pelo mestre” (p.66). Estes utensílios materiais eram alvo de prescrições desde o século XIX, sobre a iniciação da prática para as crianças no ambiente escolar, especialmente sobre o uso do corpo nos exercícios caligráficos com uso da caneta de pena. Tratavam do “domínio da posição da mão e dos dedos para agarrar a pena que exigia postura correta do corpo (...) para que o aluno pudesse ler o que escrevia e/ou copiava (...) o tinteiro seria colocado do seu lado direito” (Adão (2012, p. 63). Segundo a autora,

A criança só devia iniciar-se na escrita depois de saber ler desembaraçadamente toda letra impressa e somente quando possuísse firmeza na mão, de cujos movimentos depende a formação das letras, uma mão débil e pouco firme em vez de letras forma garatujas (...) habituando-se a eles e perdendo o jeito para a boa forma escrita dos caracteres (Adão, 2012, p. 62).

Aprender a escrever era uma atividade que exigia tempo e concentração tanto da parte das crianças como da parte dos professores que, entre tantas outras tarefas também “ocupavam-se com a preparação da tinta e o talhe das penas” (Adão, 2012, p.70). Como utensílios relacionados às práticas de escrita, a caneta de pena e o tinteiro sugerem, que mesmo no século XX há uma continuidade dessas práticas de escrever, sejam de natureza ritual ou simbólica, que indicam através da repetição de determinados rituais para o uso desses objetos em relação ao passado. A tinta tinha como base, até as décadas iniciais do século XX, “elementos como o carbono mesclado com sulfato de ferro e ácido tânico” (Clayton, 2015, p.78).

A caneta de pena e o tinteiro foram se popularizando como instrumentos para a escrita, até a chegada de canetas que permitiram a inserção da tinta no próprio recipiente da caneta, até a chegada da popular caneta esferográfica, à exemplo da marca Bic. No entanto, pena e caneta de pena seguiram e seguem sendo utilizados em muitas ocasiões representando o encontro de lugares para a escrita. Seu uso ainda segue, embora mais rarefeito, um certo ritual ligado à distinção social.

Canetas de pena, também chamadas canetas-tinteiro, foram bastante propagandeadas em impressos até a década de 1960, como ilustra a imagem da propaganda que segue (Figura 03). Esta imagem fotográfica, embora não autorize qualquer forma de simplificação interpretativa, foi recorrente em propagandas veiculadas em variados impressos durante as décadas de 1950/60 no Brasil.

Figura 3: Imagens de canetas tinteiro

Fonte: Seleções de Reader's Digest/ Outubro de 1961 (p. 4) - (Arquivo pessoal das autoras).

A figura 3 pode ser problematizada como uma imagem que ressoa a presença e a circulação desses objetos de escrita. Objetos que ativam, no presente, uma imagem de certa sensação de “tesaurização” (Rouillé, 2009, p. 97), tanto pela fotografia das canetas em primeiro plano como pela forma incisiva dos anúncios escritos que insistem na posse de caneta tinteiro como privilégio de “alta classe” e portadora de “incomparável distinção”, fatos que conferem ao comprador ou ao usuário uma representação social que é reforçada na propaganda da revista.

ANUNCIAR E PROPAGAR: OBJETOS DE ESCRITA AO SABOR DAS ILUSTRAÇÕES

Verdadeiro mágico da escrita guarda escrupulosamente o segredo de conseguir pôr tinta no interior da caneta e como consegue que ela caia na quantidade necessária da ponta desse último (Caneta-Tinteiro/Anuário das Senhoras, 1945, p. 216).

A imprensa é, reconhecidamente, um agente histórico que intervém nos processos e episódios não apenas como simples registro de acontecimentos, mas como sujeito atuante neste processo, interagindo na complexidade de um contexto, em um dado lugar. Os estudos da

historiadora Tania de Luca (2010) destacam que seu uso, por exemplo “fornece pistas de leituras do passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores” (p.140). Nesta perspectiva, foram consultados variados impressos, entre as décadas de 1950/60 com o propósito de evidenciar como estes materiais foram propagandeados em impressos que circularam no Brasil no século XX

Anunciar e propagar em impressos variadas imagens de canetas de pena/tinteiro, nas décadas de 1950/60, no Brasil, tem o objetivo de destacá-los e ilustrá-los como objetos referenciais e como núcleo de informação. Eles mostram maneiras de produzir e difundir imagens e textos que criam possibilidades para uma maior compreensão da dinâmica que engloba esta circulação de discursos textuais e imagéticas.

É importante ressaltar que os impressos, em seus princípios formuladores, veiculam interesses de alguém ou de algo (uma instituição, um produto, por exemplo) para um grupo de leitores e leitoras, com propósitos específicos de fazer propaganda e com esta divulgação, fazer circular uma mensagem que seja apropriada pelos leitores e leitoras. Sempre recomendável esclarecer que não há imparcialidade nas mensagens sejam quais forem; ao contrário, anúncios divulgam aspirações, apresentam necessidades e especificidades para, de certa forma, seduzir quem o lê para a compra.

De forma metodológica, apresenta-se empiricamente e de modo ilustrativo, algumas imagens desses objetos de escrita divulgadas em impressos do século XX presentes nos acervos do Centro de memória e pesquisa Hisales (UFPEL)⁴, Repositório Digital Tatu (UNIPAMPA)⁵, Revista Seleções de Reader’s Digest⁶ e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁷. Trata-se, apenas, de apresentar essas imagens sem a pretensão de associá-las a condições materiais do suporte, às técnicas empregadas, periodicidade, articulistas, tipo de papel, elementos que exigiriam uma outra escrita e problematização.

As imagens das propagandas estão colocadas de modo a amparar e ilustrar visivelmente o trabalho desenvolvido. Dessa forma salienta-se que a pena e a caneta de pena, para o século XX, são também apresentadas nas revistas infantis apenas de maneira ilustrativa, como uma forma de trazer a evocação de um passado desses instrumentos. A figura 4 demonstra esse fato ao destacar a pena e o vidro de tinta (tinteiro) junto a reportagem “Coisas que tu podes fazer”, na revista infantil *Cacique*⁸ nos anos 1950, estudada por Bastos (2006). Presume-se que os objetos

⁴ <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/acervos/>

⁵ <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/acervo/>

⁶ Arquivo pessoal das autoras.

⁷ <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

⁸ O estudo analisa a revista infantil *CACIQUE* – publicada no Estado do Rio Grande do Sul, no período de 1954 a 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura – SEC/RS (1943 – 1971). Na década de 1950, a SEC/RS através do CPOE, utilizou amplamente a imprensa especializada – *Revista do Ensino e Cacique*, para expressar e concretizar a sua ação político-pedagógica, buscando atingir públicos distintos - o aluno (infanto-juvenil) e o magistério primário da rede escolar rio-grandense, mas com a mesma intenção - divulgar o pensamento educacional oficial (Bastos, 2006, p. 01)

apresentados estão associados à escrita, ao ato da correspondência, tidos como exercícios que as escolas primárias realizavam com seus discentes.

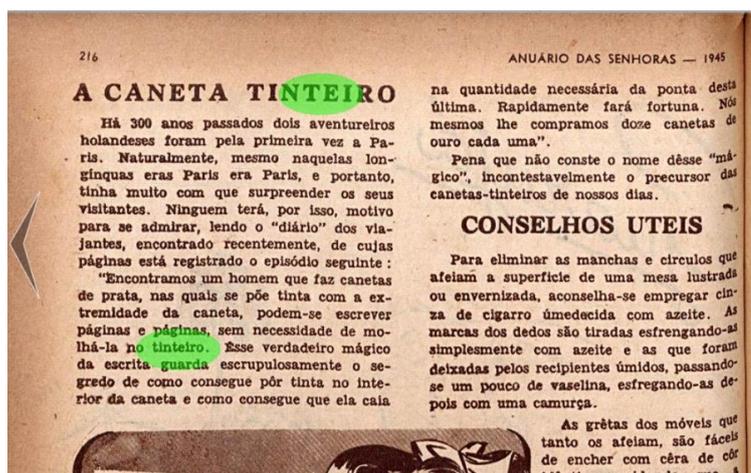
Figura 4: Ilustração da pena e tinteiro na Revista Infantil Cacique (1957)



Fonte: Acervo Hisales (UFPeL/RS)

Variados anúncios propagavam a ligação entre caneta de pena e tinteiro — já denominada de caneta-tinteiro - como materiais para a escrita e por esse motivo são apresentadas em conjunto nas imagens, denotando a simbologia do seu uso como utensílios na escrita de cartas no passado.

Um destaque a se fazer é o artigo na Revista Anuário das Senhoras (1945), da cidade do Rio de Janeiro, que anuncia, desde o título (Figura 5), o objeto caneta-tinteiro e apresenta uma narrativa sobre sua procedência, no caso, descoberta por holandeses. Pode-se perceber que a publicação está inserida em um espaço da Revista endereçada às mulheres - Anuário das Senhoras - o que permite pensar neste público alvo como possível consumidor deste material de escrita. O texto relata, pormenorizadamente, o encantamento de dois cidadãos que, em Paris, descobriram as funções da caneta-tinteiro como facilitadoras à escrita “onde se põe tinta com a extremidade da caneta e pode-se escrever páginas e páginas sem necessidade de mergulhá-la no tinteiro” (Revista Anuário das Senhoras (RJ), 1945, p. 216). De certa forma, a propaganda anuncia também uma modernidade para os leitores deste impresso, pois já não era necessário mergulhar a caneta na tinta. Alerta, ainda, que há chances de ficar rico se comprarem o objeto em maior quantidade.

Figura 5: Revista Anuário das Senhoras (RJ)/ 1945

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Como último exemplo das propagandas, optou-se pela Revista do Globo (1959), que, por tratar-se de uma publicação renomada e com circulação nacional, pode-se considerar sua importância como divulgadora desses materiais. A Revista do Globo, criada em 1929, em Porto Alegre/Rio Grande do Sul estava associada à Livraria do Globo que “além da produção de livros investiu no ambicioso projeto de uma revista quinzenal” (Torresini, 1999, p. 58)⁹.

No ano de 1951 e 1959, a mesma Revista do Globo traz dois anúncios que fazem propagandas de materiais escolares e de escritório com a divulgação de canetas, penas e até inteiros. A presença desses materiais divulgada na referida revista é um demonstrativo de que havia um esforço de divulgar e vender os materiais da livraria tanto para o público escolar, mas também para os escritórios (Figura 6), abrangendo assim, públicos variados para consumir tais materiais.

Figura 6: Revista do Globo (1959)

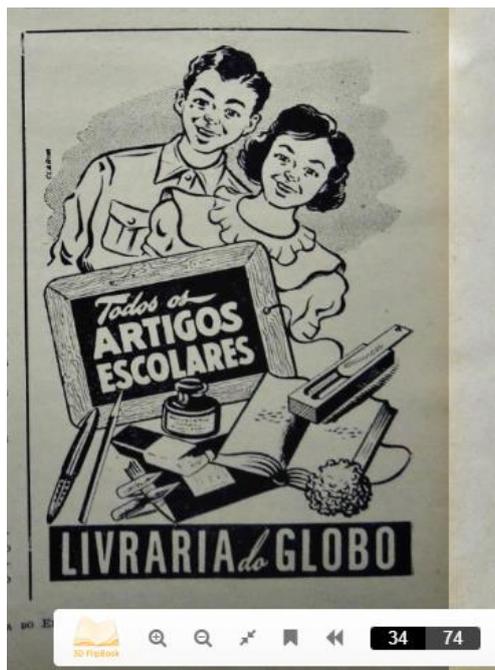
⁹ Sobre a Livraria do Globo e a Revista do Globo e sua inserção regional e, principalmente, nacional no plano cultural, recomenda-se o pioneiro trabalho de Elisabeth Rochadel Torresini (1999).



Fonte: Acervo Hisales (UFPEL/RS)

As propagandas da Livraria do Globo também se fizeram presentes nos impressos escolares, tais como a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, um importante veículo de circulação no meio educativo durante o século XX, estudada por Bastos (2005). Assim, ao analisarmos comparativamente as Figuras 6 e 7 podemos perceber que a Revista do Globo trazia propagandas de sua livraria divulgando os *Artigos para escritório* (Figura 7), entre eles, a caneta tinteiro para ser vendida para um determinado público e, na Revista do Ensino (Figura 8) procurava alcançar as professoras e as normalistas, divulgando os utensílios para a escrita, na intenção não só de propagandear, mas também de vender tais materiais.

Figura 7 - Revista do Ensino /RS (Nov. 1951) - Propaganda da Livraria do Globo



Fonte: Repositório Digital Tatu (UNIPAMPA/RS)

Segundo Bastos (2017), a Revista do Ensino/RS era um “instrumento técnico-pedagógico de atualização permanente dos professores em serviço e dos alunos das escolas normais, através da divulgação de experiências pedagógicas, da realidade da educação e do ensino, como apoio ao conteúdo das diferentes áreas que compunham o currículo do ensino” (Bastos, 2017, p. 65). É possível, dessa forma, verificar que além da divulgação do que havia de mais recente nas questões de ensino, as propagandas dos instrumentos de escrita (e de suportes) ilustravam as páginas desse impresso, divulgando também o que era mais novo no âmbito dos materiais escolares.

É, enfim, conveniente reafirmar que a utilização de imagens do século XX propagandeadas nos impressos analisados (Revista Cacique, Seleções de Reader's Digest, Anuário das Senhoras (RJ), Revista do Globo e Revista do Ensino/RS) tiveram o objetivo de evidenciar que seus usos continuaram circulando em suportes mais aperfeiçoados mas também dirigidos a uma público específico: letrado e de elite, em geral.

NOTAS DE ENCERRAMENTO

Tinteiro e caneta de pena evocam a escrita, a ação da mão sobre o papel e marcam o gesto de escrever como forma de dar perenidade aos fatos da vida. Tal como anunciado na epígrafe inicial do artigo, deslizando docemente sobre o papel, de forma firme, trêmula e vacilante (..) a caneta de pena encontra e fertiliza seu lugar junto ao tinteiro para registrar, por escrito, fatos e saberes. Para salvar do esquecimento os seres humanos eternizam em folhas, as suas ideias e seus saberes, tal como Chartier (2007) afirma ter acontecido nas sociedades europeias em relação ao

medo do esquecimento: “para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos” (Chartier, 2007 p. 9), que permitiram conforme a expressão do autor, “conjurar a fatalidade da perda” (p. 9). De forma semelhante, as ilustrações dispostas nos impressos representavam a importância dos dois utensílios para o ato de seu encontro por meio da escrita evitando o esquecimento e mantendo-os vivos e circulantes e por meio da propaganda, a divulgação do que havia de mais moderno e disponível no mercado à época.

As imagens propagavam e anunciavam modernidades ao ato de escrever através da presença de instrumentos de escrita nos anúncios de revistas e manuais selecionados durante os anos 1950 e 1960 do século XX. Elas podem ser interpretadas como vestígios de presentes olhados hoje como passados pois atravessaram várias temporalidades de memórias do escrito. Estes objetos de escrita anunciados carregavam em si dimensões daquele presente que comportavam futuros para a escrita. Problematizá-los também significa considerar que os anúncios de canetas de pena e tinteiro eram portadores de um certo projeto de futuro que aquelas sociedades tiveram na hora da construção e propagação desses artefatos. As imagens, embora antigas, não são imóveis: pois ao movimentá-las com comentários, instala-se uma comoção pela vida que parece se espalhar delas.

Os impressos que ilustram e serviram de testemunhos neste trabalho trazem contribuições para a História da Educação ao considerar que o papel do historiador é oferecer um pouco de inteligibilidade sobre estes objetos para um aumento de lucidez sobre o tempo, ou seja, o tempo das canetas e das penas como uma dimensão da experiência vivida, associado ao tempo no qual se vive e no tempo sobre o qual se trabalha. Mostrá-los, dar-lhes significância, ainda que em traços indiciários, contribui para a compreensão desses dois instrumentos com sua presença no tempo e a popularização para os seus usos via propaganda nos impressos. A escolha por diferentes impressos (Revista Cacique, Seleções de Reader’s Digest, Anuário das Senhoras (RJ), Revista do Globo e Revista do Ensino/RS) pesquisados em diferentes acervos digitais e físicos foi uma maneira ilustrativa de demonstrar que os dois utensílios que serviram para a escrita, circulavam em diferentes esferas tanto escolares como não-escolares.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Áurea. Aprender a escrever nas escolas régias pombalinas: um processo exigente e demorado. In: **Do desenho das Belas Letras à livre expressão no desenho da escrita**. TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Org). Salvador: EDUFBA: 2012, p. 55-78.

ALENCAR, José de. Ao correr da pena. **Crônicas publicadas no Correio Mercantil**, de 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000130.pdf>. Acesso em 18/02/2024.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. O lugar da escola goiana entre os séculos XIX e XX. In: CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luiz Velásquez (Orgs). **A Escola e seus artefatos culturais**. São Luís/MA: EDUFMA, 2013. p.107-140.

BASTOS, Maria Helena C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Divertir, educar e formar: Cacique, a revista da garotada gaúcha (1954-1963). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006, Goiânia: PUC. Goiás. **Anais** [...], Goiânia: 2006. p. 1-11.

BASTOS, Maria Helena Camara. De jardineira para a jardineira: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária (Revista do Ensino/RS, 1951-1963). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 63–80, 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017063>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CASTRO, Cesar Augusto Castro; CASTELLANOS, Samuel Luís Velasquez. Os artefatos culturais na Escola Modelo “Benedito Leite”. In: CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luiz Velásquez (Orgs). **A Escola e seus artefatos culturais**. São Luís/MA: EDUFMA, 2013. p.179-199.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**; Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Inscrever & apagar: Cultura escrita e literatura**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes**. Tradução de Hildegard Feist. SP: Companhia das Letras, 1991. p.113-161.

CLAYTON, Ewan. **La História de la Escritura**. Madrid: Ediciones Siruela, 2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Tinteiro e caneta de pena** (Verbetes). In: Mulheres e Educação no século XIX: Artefatos e sensibilidades, 2022. Disponível em: WWW.MULHERESEEDUCACAO.UERJ.BR. Acesso em 29/05/2024.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas (Autores Associados/SBHE), jan – jun. 2001, n. 1, p. 115 – 41.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes**. Tradução de Hildegard Feist. SP: Companhia das Letras, 1991. p. 211-266

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Instrumentos de escrita na escola elementar: tecnologias e práticas. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUILLÉ, André. Funções do documento. In: ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009. p. 97-135.

SOUZA, Gizele de. Cultura Material na Escola Primária Paranaense: rituais e gestos de professores e autoridades de ensino na organização do cotidiano escolar no século XIX. In: CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luiz Velásquez (Orgs). **A Escola e seus artefatos culturais**. São Luís/MA: EDUFMA, 2013. p.61-79

SOUZA, Roda Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENSCOSTTA, Marcus Levi (org.). **Culturas escolares e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Org.) **Do desenho das Belas Letras à livre expressão no desenho da escrita**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 109-154.

THIES, Vania Grim. **Pena e Ponteiros** (Verbete). In: Mulheres e Educação no século XIX: Artefatos e sensibilidades, 2022. Disponível em: WWW.MULHERESEEDUCACAO.UERJ.BR Acesso em 29/05/2024.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo**. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: EDUSP: Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.

Recebido em: 24 de abril de 2024

Aprovado em: 29 de maio de 2024